



DESAFIOS E SOLUÇÕES NO TRANSPORTE ESCOLAR DE ESTUDANTES RIBEIRINHOS: UMA EXPERIÊNCIA NA ILHA DO PIRAIM

GT – 3 EDUCAÇÃO E DIVERSIDADES CULTURAIS
Relato de experiência

Marizeth de Amorim Campos¹ (SEDUC/MT-PPGEDU-UNEMAT)
mariamorim79@hotmail.com

Maritza Maciel Castrillon Maldonado (Docente- PPGEDU/UNEMAT)
maritzacmaldonado@gmail.com

1 Introdução

Este relato tem como objetivo compartilhar a experiência de construção da dissertação desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNEMAT, na linha de pesquisa Educação e Diversidade, sob a orientação da professora Dr.^a Maritza Maciel Castrillon Maldonado, intitulada “*Cartografia de Movimentos de Estudantes Ribeirinhos/aspantaneiros/as da Ilha do Piraim: Transporte e Escola*”. Pretendo relatar o processo desde a escolha do tema, os fatores que influenciaram essa decisão, os desafios enfrentados e os aprendizados adquiridos ao longo da pesquisa. Este relato é importante, pois além de abordar o desenvolvimento acadêmico, traz também a relação íntima entre a pesquisadora e o território pantaneiro, enfatizando o papel da cultura, da educação e da identidade ribeirinha.

O Pantanal está conectado em mim desde quando nasci, tenho a descendência ameríndia, nasci e resido no Pantanal. Assim, problematizar o movimento dos corpos¹ de estudantes² em embarcações fluviais e terrestres remete, um pouco, à criança pantaneira que fui. A conexão com o Pantanal e a observação dos movimentos dos corpos desses/as estudantes transmitem diversas sabedorias significativas, tais como a relação com o ambiente natural do Pantanal, o respeito pela natureza, a valorização dos recursos naturais, a capacidade de enfrentar diferentes desafios ao longo do percurso até a escola, a compreensão dos próprios limites físicos, e o gesto de comunicação não verbal, entre outros aspectos. [...]. (Campos,2024, p.18).

¹ Marizeth de Amorim Campos, Docente da rede estadual de educação, possui Licenciatura em Pedagogia e História, Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação PPGEDU-UNEMAT.
Maritza Maciel Castrillon Maldonado, Doutora em Educação é Docente titular do PPGEDU/UNEMAT)

Através da pesquisa realizada, reafirmo que a educação vai além da sala de aula – ela é um movimento contínuo, que envolve a terra, a água, as vivências e as múltiplas identidades que se entrelaçam no caminho da formação.

2. Desenvolvimento

A escolha do tema da minha dissertação foi marcada por vários rizomas, da minha infância até a vida adulta, da minha trajetória de vida no Pantanal e pela minha experiência profissional como professora nas redes municipal e estadual.

Nascida e criada em ambiente pantaneiro, sempre tive uma afinidade natural com a realidade ribeirinha e pantaneira. As lembranças que tenho são os mesmos das ações da criança ribeirinha, Ana, descritas por Maldonado (2017),

Acordar, solear, vardejar, brincar, riolar, pantalear, saranzar, assobiar, brejejar, pescar, passarear, quebrantar, benzer, grunir, cevar, nadar, rezar, sorrir, gritar, pular, andar, ir, escolear, silenciar, escutar, obedecer, comer, tentar falar, contar, voltar, trepar, laranjejar, arear, zumbir, escurecer, dormir... (Maldonado, 2017, p.13).

Ao observar o cotidiano dos estudantes que enfrentam longos percursos de barco e ônibus para ter acesso à escola, percebi que esta realidade é, em muitos aspectos, um reflexo da minha própria experiência. Como professora, pude testemunhar de perto os desafios que esses estudantes enfrentam diariamente para garantir sua formação escolar. A pesquisa, então, surgiu como uma oportunidade de revisitar essas vivências e compreendê-las de uma maneira mais rizomática e acadêmica.

2.1 Fatores Influenciadores na Escolha do Tema

Minha trajetória pessoal e profissional no Pantanal foi o principal fator para a escolha do tema da dissertação. Cresci na comunidade do Capão do Angico e fui criada correndo pelas matas com meus primos e primas na comunidade Santa Rita, próxima ao Rio Bento Gomes. Durante as férias, visitava meu pai em um hotel localizado na Barra do Piraim, perto da Ilha do Piraim, onde sempre tive um fascínio pela vida ribeirinha. Quando me casei, tivemos a oportunidade de adquirir um rancho nas proximidades da Ilha do Piraim. Foi então que comecei a observar como as crianças e adolescentes precisam se deslocar por longas distâncias, de barco e ônibus, para ter acesso à educação escolar.

Outro fator que influenciou essa escolha foi o incentivo recebido ao longo da minha formação acadêmica, especialmente ao participar do grupo de pesquisa GEPECSCC – Grupo

de Estudos e Pesquisa em Escola, Currículo, Sociedade e Cultura Contemporâneos. Durante o curso de mestrado, fui estimulada a desenvolver pesquisas que integrassem minha vivência pessoal com questões educacionais, unindo minha experiência de vida no Pantanal ao campo acadêmico.

Durante o curso, passei por um profundo processo de autoquestionamento e desconstrução. Aprendi sobre a essência e a prática da alteridade, experiências que ampliaram meu respeito pelos povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos e camponeses. Esse processo também me oportunizou a reconhecer-me como mulher negra e pantaneira. (Campos, 2024, p.22).

Dessa forma, a escolha do tema da dissertação foi uma síntese entre a minha trajetória pessoal, meus rizomas culturais e o compromisso acadêmico com a valorização dessas vivências. Assim como Barros (2015, p.61), “Eu não sabia que as pedrinhas do rio que eu guardava no bolso fossem de posse das rãs”.

2.2 Metodologia

A metodologia utilizada na pesquisa foi a cartografia, baseada em Deleuze e Guattari (2000), que permitiu acompanhar os movimentos e trajetórias dos estudantes. Segundo Oliveira e Richter (2017, p.20) “No método cartográfico, não buscamos um resultado, uma conclusão de fatos, e sim, pensamos o próprio processo de pesquisa, em si: suas etapas, seus desvios, seus “erros”, e tudo que dali puder vir a se tornar potência para a pesquisa”.

A cartografia foi escolhida porque não se trata apenas de mapear geograficamente o território, mas também de compreender os fluxos de subjetividade e os processos de constituição de identidade desses estudantes. Utilizamos pistas, a observação direta, entrevistas gravadas e registros em diário de campo para capturar as experiências e vivências desses jovens no percurso diário até a escola. Partimos da ideia de: “Em vez de regras para serem aplicadas, propusemos a ideia de pistas. [...]” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p.13).

A pesquisa de caráter qualitativo, para Stake (2011, p.33), “O pesquisador qualitativo usa algumas palavras de conexão causal, verbos como influência, inibe, facilita e mesmo causa, mas (se feito adequadamente) faz referência ao lugar e tempo limitados, locais e particulares de uma atividade.” Com isso possibilita com que “Os impasses metodológicos [sejam] muitas vezes atribuídos à natureza da pesquisa qualitativa, que reúne grande parte das investigações no campo dos estudos da subjetividade” (Passos, et al., 2009, p. 8).

Foi desenvolvida com 14 estudantes da Ilha do Piraim, na faixa etária de 3 a 14 anos, que utilizam barcos e ônibus para chegarem às escolas da rede municipal e estadual, na cidade de Poconé -MT. Além disso, a análise se baseou em conceitos centrais de identidade, cultura e

interculturalidade, buscando compreender como os corpos desses estudantes se movimentam e como suas vivências são marcadas por essas travessias diárias.

2.3 Desafios e Superações

Durante a pesquisa, vários desafios foram enfrentados. O primeiro deles foi o acesso aos estudantes e suas famílias. A Ilha do Piraim é de difícil acesso, e isso demandou uma logística complexa para realizar as conversas para pedir autorização com responsáveis dos estudantes e observações. Além disso, lidar com as questões emocionais que envolvem o deslocamento dos estudantes, muitas vezes em condições adversas, exigiu uma abordagem sensível e cuidadosa.

Seguimos a orientação de Deleuze e Guattari (2000, p.35-36),

Faça rizoma, não faça raiz, nunca plante! Não semeie, pique! Não seja uno nem múltiplo, seja multiplicidades! Fala linha e nunca um ponto! A velocidade transforma o ponto em linha! Seja rápido, mesmo parado! Linha de chance, jogo de cintura, linha de fuga. Nunca suscite um General em você! Faça mapas. (Deleuze; Guattari, 2000, p.35-36).

Outro desafio foi a própria análise dos dados coletados. A subjetividade e a riqueza das narrativas dos estudantes demandaram um rigor metodológico para não perder a essência das suas vivências e, ao mesmo tempo, estruturar uma análise teórica consistente.

2.4 Aprendizados

A experiência de realizar essa dissertação proporcionou inúmeros aprendizados, tanto acadêmicos quanto pessoais. Academicamente, expandi meu conhecimento sobre as metodologias qualitativas e cartográficas, além de desenvolver uma visão crítica sobre a educação escolar no Pantanal. Pessoalmente, pude reconectar-me com minhas teias e valorizar ainda mais a importância da cultura pantaneira e do papel que a educação desempenha na construção da identidade desses estudantes ribeirinhos.

3 Considerações finais

Ao concluir esta dissertação, constatamos que os/as estudantes ribeirinhos/aspantaneiros/as da Ilha do Piraim possuem uma identidade fortemente ligada ao Pantanal, mas também apresentam características híbridas, em constante mutação. O uso da cartografia permitiu revelar os movimentos desses estudantes não apenas no plano físico, mas

também no plano simbólico, onde suas experiências e subjetividades são moldadas pelo território em que vivem.

O principal aprendizado desta pesquisa foi compreender que a identidade desses estudantes não é fixa; ela é mutável e marcada pelas suas vivências, desafios e superações diárias, tornando cada vez “mais complexa e mais problematizante”, (Clandinin e Connelly, 2015, p. 123). A pesquisa mostrou como a educação pode ser uma ferramenta poderosa para fortalecer a identidade e a cultura local, ao mesmo tempo em que apresenta desafios específicos que devem ser considerados nas políticas públicas voltadas para essas populações.

Referências Bibliográficas

BARROS, Manoel de; **Menino do mato**. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2015, 120 p.

CAMPOS, Marizeth de Amorim; **Cartografia de Movimentos de Estudantes Ribeirinhos/aspantaneiros/as da Ilha do Piraim: Transporte e Escola**; Cáceres, 2024. 173f.:el.

CLANDININ, D. Jen; CONNELLY F. Michael. **Pesquisa Narrativa: experiências e histórias na pesquisa qualitativas**. Tradução Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores, ILEEL/UFU. 2 ed. rev. Uberlândia: EDUFU, 2015, 250p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix; **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Tradução Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2000. 94 p. (Coleção TRANS).

MALDONADO, Maritza Maciel Castrillon. **Espaço pantaneiro: cenário de subjetivação da criança ribeirinha**. 1 ed. Curitiba: CRV, 2017. 170 p. ISBN 9788544417966.

OLIVEIRA, Andréia Machado; RICHTER, Indira Zuhaira. **Cartografia como metodologia: uma experiência de pesquisa em Artes Visuais**. PARALELO 31, Pelotas, v. 1 n. 08, 27 maio 2017. <https://doi.org/10.15210/p31.v1i8.13292>. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/paralelo/article/view/13292/8211>. Acesso em: 04 out. 2024.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lilliana da; **Pistas do Método da Cartografia - Pesquisa Intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa [recurso eletrônico]: estudando como as coisas funcionam**. Tradução Karla Reis. Revisão técnica Nilda Jacks. Porto Alegre: Penso, 2011.